



Revista Pistis & Praxis: Teologia e
Pastoral

ISSN: 1984-3755

pistis.praxis@pucpr.br

Pontifícia Universidade Católica do
Paraná
Brasil

Guariza, Nadia Maria

O FAZER-SE MULHER EM COMUNIDADE: UMA "MATEMÁTICA MUITO SENSÍVEL"

Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral, vol. 4, núm. 1, enero-junio, 2012, pp. 19-31

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Curitiba, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=449749235002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



O fazer-se mulher em comunidade: uma “matemática muito sensível”

*Becoming a woman while inserted in a community:
a “very sensitive mathematics”*

Nadia Maria Guariza

Doutora pela Universidade Federal do Paraná (2009), Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), professora universitária dos cursos de Direito e de Relações Internacionais da Unibrasil, pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero (UFPR) e da Plataforma de Análises Acadêmicas e Técnica de Relações Internacionais da América do Sul (Patrias/Unibrasil) Curitiba, PR - Brasil, e-mail: nadiamguariza@gmail.com

Resumo

Este artigo trata das narrativas das participantes das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), Vila São Pedro, em Curitiba, PR, nas décadas de 1960 e 1970, sobre as suas experiências nas comunidades. O objetivo da análise das entrevistas é perceber como elas significaram o seu papel nas comunidades, sobretudo como mulheres, evidenciando as diferenças entre homens e mulheres nas CEBs. Por isso, este artigo se inscreve entre os estudos de gênero que empregam a metodologia da história oral. As entrevistas com essas mulheres revelaram as suas trajetórias de vida; na sua maior parte são provenientes do interior e, por uma série de dificuldades familiares e pessoais, tiveram que se mudar para Curitiba. Assim que chegaram, procuraram estabelecer um

vínculo com a igreja mais próxima e, aos poucos, foram motivadas a participar das CEBs, assumindo os mais variados ministérios no interior da comunidade. Este artigo trata justamente da experiência dessas mulheres no exercício desses ministérios, com a finalidade de inferir como a experiência contribuiu para a construção de suas subjetividades.

Palavras-chave: CEBs. Gênero. História oral.

Abstract

This article discusses the narratives of participants of Basilar Ecclesiastic Communities (CEBs) from Vila São Pedro in Curitiba, Paraná state, about their experiences in communities in 1960's and 1970's. The objective of the interviews' analysis is to notice how they signified their role in the communities, especially as women, showing the differences between men and women within the CEBs. This way, this study enrolls in human gender studies by using the Oral History Methodology. The interviews with those women revealed their lives' trajectories; most of them having come from the countryside with several personal and family difficulties, which motivated them to move to Curitiba. As they arrived in Curitiba, they established a connection with the nearest Church, and as time went by they were motivated to participate in the CEBs, assuming a variety of church ministerial roles within community. This article especially discusses those women's experience under the service of those ministries, in order to understand how this experience has contributed to the formation of their subjectivities.

Keywords: CEBs. Gender. Oral history.

Introdução

A expressão “uma matemática muito sensível” – ao se referir às inúmeras tarefas e atribuições que as mulheres exercem – foi empregada por Irene Costa (2008a) quando entrevistada, em 2008, na Vila São Pedro, em Curitiba, PR. A expressão é mais adequada para representar os papéis desempenhados pelas mulheres nas comunidades eclesiais de base em Curitiba: a maior parte das participantes das CEBs são mulheres

que se empenham em várias atividades, como a manutenção financeira da família, a administração da casa, a educação dos filhos e dos netos e os trabalhos da comunidade.

Irene Costa personifica em suas atividades o papel multifacetado da mulher na comunidade: trabalha como costureira, cuida da mãe idosa e de sua filha, administra a padaria comunitária da CEB da Vila Acordes e exerce os ministérios de celebrante e da eucaristia nos encontros de domingo. O tempo diário é dividido e organizado de modo que tudo possa ser realizado de maneira satisfatória, porque, segundo a entrevistada, a mulher deve dar conta de sua família, principalmente dos filhos, porque, se não der conta de suas atividades domésticas, será cobrada, sobretudo por ter dividido o tempo com os trabalhos da comunidade. Porque a mulher, ainda segundo Irene, é o centro da administração caseira.

Este artigo reflete o papel exercido pelas mulheres na vida familiar, profissional e nas CEBs e visa à compreensão da construção das subjetividades diante dessas experiências. O conteúdo proposto é fruto dos resultados auferidos durante pesquisa de doutoramento em História (UFPR), que tinha por objetivo verificar a percepção e a apropriação da norma católica pelas participantes das CEBs nas décadas de 1960 e 1970. A pesquisa utilizou-se da metodologia da história oral com o recurso da narração de breves histórias de vidas e de perguntas, tendo como recorte temático as questões de gênero e Catolicismo. Objetivou-se mapear, por meio das narrativas das entrevistadas, vestígios do discurso normativo referente à mulher, bem como as transgressões a essa norma. O artigo enfatiza o perfil das entrevistadas a partir de suas histórias de vida e como se desenvolveram as suas experiências junto às CEBs na região da Vila São Pedro, em Curitiba, PR.

Migração, mulheres e CEBs em Curitiba

As mulheres entrevistadas são migrantes de regiões rurais de Estados como Minas Gerais e Santa Catarina. Depois de uma história de migrações sucessivas à procura de melhoria das condições de vida, essas mulheres mudaram-se para Curitiba. Moram em bairros que comportam uma população pobre e de pequena classe média. A maior parte delas exerceu funções

com as de auxiliar de limpeza, doméstica e costureira, dividindo o seu tempo com atividades domésticas e com a educação dos seus filhos. É o caso de Lourdes Costa, que comentou, em sua entrevista, o motivo por que se transferiu de Congonhal, MG, para Siqueira Campos, PR:

Lá [Congonhal, Minas Gerais] porque não dava mais mantimento quase, não sobrava terra boa pra gente plantar, então a gente veio quase pedindo esmola de lá, de Minas, né; um aperto danado, aí quando o meu marido viu que não dava mais, tava muito difícil pra vive; os patrão pagava muito barato, o que pagava a gente fazia compra pra semana, acabava o dinheiro, né, que ganhava por dia, muito barato, e aí o mantimento não tava dando mais, então a gente fazia o que lá? Trabalhava na lavoura, não tinha emprego né, aí nós mudemo de lá, mas mudemo pobre, pobre, que chegemo a Siqueira Campo a zero [...] (COSTA, 2008b).

Lourdes, mais tarde, mudou-se para Curitiba com o marido, que estava muito idoso e doente, para continuar a trabalhar no campo. Assim como Lourdes, Ana Profetiza mudou-se para Curitiba, vindo do interior do Estado, em virtude de problemas de saúde que não permitiam que ela prosseguisse ganhando a vida na lavoura. O mesmo é observado com Lontina (LICHEWITZ, 2008), que veio de Mallet e começou a trabalhar como doméstica na casa do médico que acompanhava o seu tratamento. Denota-se que problemas como a saúde debilitada somados às mudanças no campo a partir da década de 1950, com a mecanização da agricultura, provocaram a saída das mulheres do campo para a capital do Estado.

De acordo com Amaral (2006), o desenvolvimento industrial e a ingerência dos interesses internacionais, em detrimento do bem-estar da população, aprofundaram a desigualdade social e provocaram a expulsão dos camponeses do meio rural para a cidade, criando a concentração de uma população pobre na periferia das cidades. Segundo Nunes (1991), é justamente essa população de migrantes que ingressaram nas comunidades eclesiais de base.

Nessa conjuntura de mudanças econômicas e sociais, a ação dos bispos e religiosos no país concentrou-se nas comunidades eclesiais de base, propondo uma atitude efetiva diante da realidade de pobreza da

população rural e urbana na direção de melhorar as condições de vida dessa população.

Nunes (1991) afirma que as CEBs eram compreendidas pelos intelectuais da Igreja, sobretudo os ligados à Teologia da Libertação, como a solução contemporânea para o movimento leigo – seria uma saída da modernidade sem voltar ao passado. De acordo com Nunes (1991), as CEBs, para seus participantes, eram consideradas como espaços de sociabilidade que permitiam a mobilização das famílias e a reinterpretação das normas da Igreja. Diferentemente da vida anônima das cidades, nas CEBs cada participante é valorizado acompanhado de sua história. Mas não se pode esquecer que as CEBs foram idealizadas e organizadas pela Igreja Católica e, portanto, as relações estabelecidas no interior das CEBs estavam submetidas à doutrina da Igreja e as comunidades estavam integradas a uma rede internacional sobre a qual os participantes não têm controle.

Por isso, apesar do caráter ecumênico e autônomo das CEBs, o elemento de catolicidade não pode ser desprezado, porque as comunidades faziam parte do aparato institucional da Igreja. Deve-se ter isso em mente, sobretudo quando a perspectiva do estudo remete às questões de gênero, pois a posição assumida pelos participantes das CEBs era coerente com o conceito de feminino e masculino defendido pelo Catolicismo.

Em Curitiba, também se observa que a maior parte dos integrantes das CEBs era oriunda do meio rural. Nas narrativas das entrevistadas sobre suas histórias de vida são descritas sagas de famílias pobres, migrantes e numerosas.

Nas narrativas, o bairro é descrito pelas entrevistadas, no fim da década de 1960, período das suas chegadas, como um grande campo com pequenas e poucas casas, sem luz, água ou esgoto e habitado por animais, especificamente por vacas. As entrevistadas relatam que viram seu bairro se formar e lutaram para conseguir a infraestrutura necessária para melhorar a vida de suas famílias. O ingresso nas comunidades eclesiais, na maior parte das vezes, está relacionado com a chegada à Vila São Pedro e procurava a igreja. Segundo Nunes (1991), a população de migrantes que integrara as CEBs possuía um passado católico tradicional; portanto, um dos primeiros elementos de sua identidade que é mantido no espaço urbano é a catolicidade.

Isso é visível nas narrativas das entrevistadas que mencionam a preocupação em encontrar uma igreja, e na observação de que a igreja mais próxima era longe. Segundo Ana Profetiza,

Quando eu cheguei aqui num domingo, foi, quando foi no outro domingo, já fui procurá igreja, já cheguei lá e encontrei outra colega que veio também do norte do Paraná, também procurando igreja, e segui a igreja, e corri atrás [...] (OLIVEIRA, 2008).

A dificuldade do acesso à igreja é apontada como um dos motivos para o desenvolvimento das CEBs na região da Vila São Pedro. As primeiras CEBs em Curitiba foram criadas nesta região, em 1968, a partir do Plano Pastoral da CNBB. O Pe. Albano Cavalin, coordenador da pastoral arquidiocesana de Curitiba, solicitou ao Pe. Miguelangelo Romero o estudo e a organização das CEBs na cidade.

O Pe. Miguelangelo começou a organização das comunidades em sua paróquia na Vila São Pedro Apóstolo, no bairro do Xaxim. Na medida em que a população da área aumentava e os participantes das comunidades também, o número de comunidades seguia o crescimento. Portanto, em pouco tempo, Pe. Miguelangelo foi criando cada vez mais comunidades. No setor São Pedro havia nove comunidades: Espírito Santo, Independência, São Pedro, Nossa Senhora de Fátima, Perpétuo Socorro, Rex, Santa Edvirges, Santa Terezinha e Urano. No setor Carmelo eram seis comunidades: Acordes, Maria Angélica, Jardim Natal, Campeche, Gramados e Garças.

As CEBs e os papéis de gênero: nova proposta para os leigos, espaço de sociabilidade e de luta e o exercício de novos ministérios

As entrevistadas, que participaram da formação da primeira CEB na Vila São Pedro, comentam que todos estavam desconfiados da nova proposta da Igreja, pois estavam acostumados com a figura do religioso como central nos rituais, nos cursos de formação e no catecismo. A proposta da comunidade era de que os próprios leigos ministrassem os cursos

de preparação para o batismo e o casamento, que a catequese fosse dada por leigos e até a eucaristia poderia ser distribuída pelo ministro da eucaristia. Em relação à figura do celebrante que poderia conduzir a celebração dominical no lugar do padre, obviamente tal participação leiga tinha limites: a consagração da hóstia poderia ser realizada apenas pelo padre.

A princípio, a pretensão das autoridades religiosas era envolver toda a comunidade por meio da participação de casais, e isso é perceptível pelo número de casais que participaram no início da comunidade na Vila São Pedro. Pela observação de Lontina, percebe-se a cumplicidade dos casais no início das CEBs.

Era mais ou menos equilibrado, nós ia com os maridos, porque nós fazia de noite as reuniões, daí a gente tinha medo, a Dirce ia com o Neco, eu ia com meu marido, a Geraldine ia com o João, a Rosa ia com o Basílio, todo mundo, era os casais que iam; [carregava o marido] o marido e as crianças junto, as crianças tinha que levá junto porque não podia deixá, a minha casa era muito pobrezinha, não tinha, só uma fechadura qualquer, a janela ruim, então se alguém entrasse, não tinha nada pra roubá; mas as crianças a gente levava junto, a gente era meio a meio [...] (LICHEWITZ, 2008).

Outras entrevistadas mencionaram essa cumplicidade dos casais que formaram o bairro. Pode-se pensar que, para essas famílias que estavam se estabelecendo na região, as oportunidades de espaços de sociabilidade eram limitadas. Nesse sentido, a igreja ou a comunidade eclesial, com seus cursos de formação, eram espaços para conhecer os seus vizinhos, fazer amizades e conversar.

À medida que os homens começaram a criar novos espaços de sociabilidade, eles abandonaram as suas atividades nas comunidades. Eles passaram a ser apenas acompanhantes eventuais das esposas, como no caso do Neco, marido da Dirce, que se envolveu mais com a parte esportiva e recreativa do bairro.

Para as mulheres, as CEBs continuaram a ser um espaço de sociabilidade autorizado moralmente. Para elas era mais complicado frequentarem lugares como bares e ginásios esportivos, porque eram associados aos homens e isso poderia colocar em dúvida a seriedade moral da mulher.

Portanto, com o passar do tempo, as comunidades se tornaram cada vez mais espaços de atuação das mulheres, com uma presença bem pequena de homens. Nunes (1991) observa que a bibliografia em geral silencia o fato de as comunidades eclesiais de base serem essencialmente comunidades de mulheres. Quando a questão de gênero ou de raça é tocada, é de maneira rápida e superficial, como algo periférico. Para esses estudos a única categoria relevante é a de classe social.

Porém, as comunidades eclesiais não podem ser entendidas apenas como espaços de sociabilidade, pois também se constituíram como lugar de organização para a luta de melhorias no bairro. A região da Vila São Pedro, no fim da década de 1960 e na década de 1970, carecia de infraestrutura; por isso uma das linhas de ação das CEBs era a efetivação de serviços, como esgoto e água para as famílias. Nesse processo, as mulheres foram importantes, tanto as religiosas, que eram as agentes que operavam essa conscientização, quanto as mulheres da comunidade que desenvolviam a luta por mudanças no bairro.

[...] Era toda semana, toda semana, depois a mulherada foi se destacando mais, e os homens começaram a ficar pra trás, foram parando né, então as mulherada, porque agora a maior parte é mulher que tá trabalhando nas atividades, homem não tem muito, não [...]. O padre que arrumou aquelas missionárias, elas que vieram pra cá, eram 10 mulheres, e daí elas começaram a fazer um movimento com as mulherada, que tinha que ter saúde, tinha que ter escola, que tinha que ter isso e ter aquilo, aí que começaram a organizar os grupos, e assim surgiu a associação de moradores, aí devagarzinho foi colocando o posto de saúde, tem até hoje, acho em 78 por aí; daí começou a cresce um pouquinho, né; dando espaço, aí fomo adquirindo, luz, rua, não tinha luz, não tinha rua, era só campo, não tinha nada, nada; daí começemo a exigir da prefeitura, daí veio a luz, daí veio as ruas, aí se começou a organizar; foi se organizando os bairros, foi crescendo, e daí foi exigido a água e o esgoto; deu muita briga, mas conseguimos, né [...] (OLIVEIRA, 2008, p. 75).

Para Ana Profetiza, a organização do bairro exigiu muita conversa e discussão com os vizinhos e reuniões que pareciam intermináveis, e o seu marido não via sentido nas reuniões, acreditava que não tinha um resultado efetivo. No entanto, as reuniões nas comunidades deram origem às associações de bairros e, por intermédio dessas associações, muitas

reuniões foram marcadas com funcionários da prefeitura, como assistentes sociais, estagiários de medicina e de enfermagem.

Portanto, o resultado efetivo, que o marido de Ana não via, aconteceu, e em grande medida pela mobilização constante das mulheres do bairro. Uma realização feminina que não foi reconhecida pelos homens e, muitas vezes, nem pelas mulheres.

Os encontros nas comunidades eram regrados por cânticos, conversas e partilha, ou seja, não faziam parte do universo masculino. Nesse sentido, as comunidades propiciavam um espaço mais próximo às expressões femininas. Lourdes comenta que seu marido não se interessava muito pelos encontros porque exigiam leitura e como ele apenas tinha estudado 30 noites em Minas quando jovem, não acreditava que poderia acompanhar os estudos.

Admitir publicamente que não é capaz é uma grande prova para o homem, pois isso coloca em jogo a sua virilidade. Por outro lado, das mulheres já é esperado o fracasso, por isso elas podem ousar, porque isso não colocaria em vulnerabilidade a sua honra.

Portanto, o fato de Lourdes ousar participar dos estudos bíblicos sem contar com uma educação formal tinha um menor impacto com relação à sua feminilidade. O seu marido, por outro lado, poderia ser desacreditado publicamente – por isso a atitude mais retraída do homem na comunidade. As comunidades representavam uma novidade na vivência religiosa, e como algo novo suscita incertezas e inseguranças, como arriscar a sua reputação numa empreitada dessas? Como assumir funções de liderança?

Segundo Leonardo Boff (1986), nas CEBs a ação dos leigos é mais impressionante nas regiões onde faltam sacerdotes e religiosas, assumindo funções ligadas à evangelização, à celebração, aos cânticos, à catequese, à visita aos doentes, à preparação de noivos, ao cuidado com a subsistência dos desempregados, à alfabetização de adultos e muitas outras.

Para todas essas funções, os ministérios comunitários exigem apenas uma habilidade pessoal e a prática dos envolvidos, ou seja, com o passar do tempo a própria comunidade escolhe seus ministros por suas habilidades. A relação entre comunidade e ministro tem que ser simbiótica.

Pelas entrevistas, percebe-se que a dinâmica de formação dos ministros respeitava primeiramente a prática e depois a formação teórica

dos escolhidos. Irene, ao descrever como foi a sua formação como ministra da eucaristia, explica que recebeu orientação da irmã Anita, que passou cada etapa da celebração passo a passo em várias celebrações. Só depois teve um curso de formação na Cúria. A princípio, Irene foi tomada de uma grande insegurança para realizar a sua primeira celebração, acreditando que os outros participantes da comunidade não iriam respeitá-la por não ser religiosa.

Irene se via como ajudante dos religiosos, que poderia realizar pequenas partes da celebração, e não conduzi-la, tampouco venerar e distribuir a hóstia, pois isso era monopólio dos religiosos. Realmente, o desempenho desse papéis, durante muito tempo, foi monopólio dos agentes do sagrado. Como a Igreja estava propondo que os leigos assumissem tais papéis?

Lontina conta que, no início das CEBs na região, os pais se opuseram à catequese ministrada por leigos. A resistência foi tão grande, que alguns ministros desistiram de suas funções. Os pais queriam que a catequese continuasse a ser dada por freiras e pelos padres.

É bom lembrar que, inicialmente, a figura do ministro leigo foi muito questionada pela comunidade. Pode-se pensar que era justamente por isso que os homens resistiam em assumir os ministérios. Como apontado anteriormente, os homens sempre têm algo a perder, justamente por sua posição dominante em relação à mulher, então seria muito perigoso assumir uma atividade que colocasse em dúvida a sua credibilidade. A mulher, por estar à margem do poder, não tem muita coisa a perder; por isso pode arriscar mais expondo-se.

O número expressivo de mulheres nas CEBs pode ser explicado pela posição da mulher à margem na sociedade. Por ser uma experiência nova, as comunidades poderiam ameaçar virtualmente a masculinidade. Por outro lado, graças ao rigor moral, as mulheres não poderiam circular em espaços que eram considerados permissivos moralmente, como o campo de futebol ou os bares. Logo, para conseguir criar um grupo de sociabilidade que era aprovado socialmente, essas mulheres viam nas comunidades um espaço permitido para a sua expressão e convívio social.

Além disso, as comunidades criavam oportunidades de atividades, inclusive de comando, que não estavam disponíveis na sociedade, seja por serem de um grupo social desfavorecido, seja por serem mulheres. Assim,

as comunidades se configuravam como um espaço importante de realização da subjetividade dessas mulheres.

Com o passar do tempo, na medida em que as comunidades se desenvolviam e a resistência aos ministérios foi vencida, os homens passaram a assumir ministérios também. Entretanto, é interessante observar que os ministérios assumidos por eles sempre são aqueles considerados mais importantes na comunidade, como o de celebrante e o de ministro da eucaristia.

As mulheres assumiam essas funções e também outras, como a de zeladora de capelinha, catequista e visita aos doentes. O exercício dessas funções era assumido preferencialmente pelas mulheres por estarem associadas às atribuições eminentemente femininas, como o cuidado com o outro e a educação moral.

Por isso algumas atividades podiam representar uma ameaça à masculinidade, por estarem associadas às qualidades femininas, como educar crianças. Pode-se cogitar que esse é o motivo pela qual se encontravam poucos homens dedicados à catequese, enquanto o seu número era maior entre os ministros da eucaristia. Por um lado o trabalho de catequista estava restrito a um espaço mais doméstico, por outro o ministro da eucaristia teria um lugar de destaque na comunidade, no espaço público.

A contradição provocada pelo fato de as mulheres serem a maioria nas CEBs e não exercerem as funções principais, também ocorreu nos encontros interclesiais, nos quais eram discutidas as ações das CEBs no país, porque o número de mulheres era menor do que de homens. Apesar de serem a maioria, nesses encontros, as mulheres possuíam menor representatividade.

Considerações finais

Como as mulheres entrevistadas significaram suas experiências nas CEBs? É interessante observar que na concepção de muitas mulheres da comunidade está implícito que elas têm que se doar para a comunidade e para a família. Para Lourdes, o trabalho dos homens é muito precioso para ser doado, ele deve garantir a manutenção material do grupo familiar. As mulheres quando trabalham apenas ajudam os maridos nessa manutenção, porém o trabalho feminino pode ser descartado, inclusive pode ser doado.

Essa visão sobre a participação feminina nas CEBs é condizente com o papel atribuído à mulher constantemente pela Igreja e pela sociedade: ela deve estar atenta para satisfazer às necessidades dos mais próximos. Percebe-se na narrativa das entrevistadas a imagem do anjo que guarda o lar e atende com cuidados maternos todos os indivíduos que precisam.

A gratificação pode ser a saúde e o bem-estar para a sua família, mas também pode ser o sentir-se valorizada pelos desafios que assumiu e venceu, com as oportunidades que a participação da comunidade propiciou. Uma gratificação que vai além do campo religioso, do contrato com o sagrado, é uma dádiva de sentir-se útil e capaz e, ao mesmo tempo, aliada a uma rede de sociabilidade que não a faz sentir-se solitária.

Além dos novos papéis assumidos nos ministérios, a proposta de ação das comunidades permitiu às mulheres enfrentarem desafios, como lutar pela infraestrutura de seu bairro, participar de reuniões com funcionários da prefeitura, organizar os vizinhos nas mobilizações e construir a casa da comunidade. Tais práticas muitas vezes entravam em contradição com os papéis que a Igreja atribuía às mulheres, sobretudo em suas representações do feminino, por isso em alguns casos percebe-se que as mulheres criaram estratégias para tentar superar as contradições.

Portanto, as mulheres não receberam passivamente as orientações e as normas da Igreja, que as colocavam em papéis secundários nas CEBs e na Igreja, e assim conseguiram, por meio das experiências nas comunidades, criar novos significados para a sua prática. Segundo Delir Brunelli (1989), a experiência nas comunidades eclesiais de base estaria intrinsecamente associada à emergência da teologia feminista latino-americana, porque as mulheres que participaram dessas comunidades demonstraram a princípio que se identificavam como parte integrante na visão da Igreja dos pobres. Porém, essa participação as levou à descoberta de sua subjetividade feminina.

No caso das entrevistadas, é interessante observar que o ato de narrar permite a recriação da subjetividade, por meio da qual elas constroem e atribuem significados as suas experiências e identidade (GLUCK; PATAI, 1991). Portanto, a análise das narrativas das entrevistadas permite inferir como essas mulheres compreendem o significado de sua prática nas comunidades e na sociedade.

Referências

- AMARAL, R. R. do. **Milagre político**: catolicismo da libertação. 2006. 254 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- BOFF, L. **E a Igreja se faz povo**: eclesiogênese – a igreja que nasce da fé do povo. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BRUNELLI, D. **Libertação da mulher**: um desafio para a igreja e a vida religiosa da América Latina. Rio de Janeiro: Conferência dos Religiosos do Brasil, 1989.
- COSTA, I. A. da. Participante das CEBs, Curitiba, 18 dez. 2008a. 1 arquivo (60 min). Entrevista concedida à Nadia Maria Guariza.
- COSTA, L. M. da. Participante das CEBs, Curitiba, 18 dez. 2008b. 1 arquivo (60min). Entrevista concedida à Nadia Maria Guariza.
- GLUCK, S. B.; PATAI, D. **Women's words**: the feminist practice of oral history. New York: Routledge, 1991.
- LICHEWITZ, L. Participante das CEBs, Curitiba, 16 dez. 2008. 1 arquivo (110 min). Entrevista concedida à Nadia Maria Guariza.
- NUNES, M. J. R. **Eglise, sexe et pouvoir**: les femmes dans le catholicisme au Brésil les cas des communautés ecclésiales de base. 1991. 376 f. Thèse (Doctorat en Sciences Sociales) – L'école des Hautes Études e Sciences Sociales, Paris, 1991.
- OLIVEIRA, A. P. de. Participante das CEBs, Curitiba, 11 dez. 2008. 1 arquivo (60min). Entrevista concedida à Nadia Maria Guariza.

Recebido: 28/06/2011

Received: 06/28/2011

Aprovado: 20/09/2011

Approved: 09/20/2011